

**Associação Nacional de História – ANPUH
XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007**

**Identities in field: sport, politics and mass communication in National-Estatismo
de Vargas e Perón – um estudo comparado.**

Maurício da Silva Drumond Costa*

Resumo: Este trabalho tem por objetivo apresentar a proposta de uma análise comparada da utilização política do esporte nos governos de Getúlio Vargas, no Brasil, e de Juan Domingo Perón, na Argentina. Trabalho com a hipótese de que o futebol, entre outros elementos, teria sido utilizado como um meio de consolidação de identidades nacionais, através da representação da nação – ou mesmo de seu líder – por meio do esporte. Assim, busco compreender de que forma estes governos teriam utilizado o esporte como propaganda política, através da mediação dos meios de comunicação massiva, e em especial da imprensa. Espero que este trabalho possa trazer contribuições significativas para o debate sobre a formação de identidades através do esporte, assim como sobre o processo de formação de identidades nacionais na América Latina, mais especificamente no Brasil e na Argentina.

Palavras-chave: Identidade Nacional; Esporte; História Comparada

Abstract: This article aims at presenting a proposal of a comparative study of the political usage of sport in the governments of Getúlio Vargas, in Brazil, and Juan Domingo Perón, in Argentina. I work with the idea that football, as well as other elements, was used as a means of consolidating national identities, by the representation of the nation – or even its leader – via sport. Therefore, I seek understanding how those governments would have used sport as a political propaganda, through the mediation of means of mass communication, specially the written press. I hope this study may contribute significantly to the debate about the national identities and sport, as about the process of the making of Latin American national identities, more specifically in Brazil and Argentina.

Keywords: National Identity; Sport; Comparative History

2 a 4 de outubro de 1934.

O dia 3 do corrente, aniversário da Revolução, não teve qualquer festividade. Parece até que passou esquecido. Observei-o com amargura. Apenas, nesse dia, tivemos a corrida de automóveis. Foi um espetáculo empolgante: grande multidão, pista difícil, corrida arriscada, alguns acidentes, vários que desistiram da prova em meio. Por fim, venceu um brasileiro. Como é forte o sentimento nacional! (...) Junto a mim estavam o embaixador argentino e algumas senhoras. Guardando a atitude de compostura exterior, eu imediatamente sentia-me comovido, com receio até de que me saltassem lágrimas se vencesse um estrangeiro. E eu mesmo me analisava, tomado daquela emoção estranha que procurava reprimir.

Getúlio Dornelles Vargas (1995, p. 331)

* Mestrando em História Comparada pelo Programa de Pós-Graduação em História Comparada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – PPGHC/UFRJ e pesquisador do Laboratório de Estudos do Tempo Presente – TEMPO.

El deporte es una lucha noble, que está inspirada en el esfuerzo de la voluntad y de los músculos; es la escuela más maravillosa creada por el hombre para soportar el sacrificio y vencer el esfuerzo; para despertar el valor de los hombres y para hacer del hombre un luchador ingenuo, por una experiencia que vale mucho más que todas las riquezas de la tierra. El deporte es la escuela del valor; es la escuela del carácter; es la escuela del sacrificio. Y el hombre es grande por su valor, por su carácter y por su sacrificio.

Ustedes muchachos, que están templando sus almas en esa escuela, que serán el futuro puntal de esta tierra tan amada por todos nosotros, alegan en esta brega, que es brega de amor y de patria.

Juan Domingo Perón¹

Os esportes são parte importante da vida cotidiana na sociedade moderna. Mobilizando milhões por todo mundo – praticando, assistindo, trabalhando, torcendo e, principalmente, consumindo –, o esporte se faz presente em diversas esferas da vida social. Qual seria a relevância de um estudo sobre o esporte? De acordo com o sociólogo Eric Dunning, o esporte, como qualquer outra prática social, requer atenção acadêmica, uma vez que, ao se pretender o entendimento de uma sociedade, deve-se estudá-la em todos os seus aspectos:

o desporto demonstra com toda a clareza que constitui um campo de considerável significado social, o que – de acordo com o grau de pretensão, que os sociólogos levam tão a sério, segundo o qual sua disciplina é uma ciência da compreensão da sociedade, que estuda as sociedades em todos os seus aspectos – reclama teorização e investigação sociológica. (ELIAS; DUNNING, 1992: 17)

Dentro deste quadro de presença dos esportes na sociedade moderna, é indubitável que o futebol ocupa uma posição de destaque. Nenhuma outra prática da cultura popular envolve a tantos e desperta tamanho interesse e paixão.

O futebol, como esporte moderno codificado, surgiu em 1863 com a regulamentação de suas regras pela *Football Association*, na Inglaterra. Neste aspecto, o futebol, assim como a maioria dos esportes modernos,

pode ser interpretado como um dos múltiplos processos de regulamentação das emoções e das pulsões individuais e, em uma perspectiva global, como um dos lugares onde se exprime a divisão que a sociedade estabelece entre a violência aceitável e a violência intolerável. (AGOSTINO, 2000: 203)

¹ Discurso realizado na residência presidencial de Olivos para os participantes do *Primero Campeonato Argentino de Fútbol Infantil Evita*. Cf. “Ayer entregaron los premios del torneo de fútbol infantil”, *La Nación*, 14/03/1950, p.8.

É neste quadro que os esportes vão se difundir a partir de seus pontos de origem, espalhando-se pelo globo. Como explica Peter Gay:

Como outros fenômenos culturais, os esportes eram nacionais e cosmopolitas; os alemães eram aficionados da ginástica, os britânicos do futebol, os franceses, do ciclismo, os americanos, do beisebol. Mas não havia nenhuma barreira tarifária às importações; como os bens e as transações financeiras que atravessavam as fronteiras no emergente mercado mundial, os esportes exemplificavam a difusão cultural. Em particular a Inglaterra, inovadora sem par, exportava suas invenções – completas, com vocabulário e tudo – para seus vizinhos mais receptivos. (1995: 436)

Difundido por todo o mundo, o futebol se tornou uma prática globalizada. No entanto, ainda que prática global, não se constituiu como um elemento globalizante. Na realidade o oposto pode ser aferido. A sua propagação pelo mundo tornou possível a adoção do esporte por diferentes culturas e nações, que construíram formas próprias de interpretar e praticar o jogo. Através de seu modo particular de jogar, das características próprias dos jogadores de sua localidade, estes grupos podem construir um modelo de identidade perpassando pelo esporte. Portanto, pode-se afirmar que se por um lado o futebol se tornou em uma prática social transnacional e globalizada, por outro lado este esporte atua como um novo delimitador de fronteiras, reforçando identidades regionais e nacionais.

A força do futebol como um fator de identificação de um indivíduo com sua pátria pode ser vista com facilidade em grandes eventos esportivos, como a Copa do Mundo de futebol masculino da FIFA (daqui em diante, Copa do Mundo). A cada quatro anos, o país anfitrião do evento – um dos maiores eventos internacionais da atualidade, ao lado dos Jogos Olímpicos – recebe milhares de pessoas de diversas partes do mundo. As ruas tornam-se coloridas com torcedores vestindo as cores de seu país, agitando suas bandeiras e cantando hinos e canções. Tal festival de nacionalismos é único. Nem mesmo os jogos olímpicos causam tamanha mobilização e despertam uma paixão tão grande entre o indivíduo e seu país. Mais do que qualquer outro esporte, o futebol carrega consigo grande capital simbólico de representação da nação.

É justamente este caráter simbólico do futebol que permite que este esporte desperte tamanha comoção entre movimentos nacionalistas, separatistas ou não, principalmente na Europa. Estes movimentos regionais que buscam a autonomia política costumam ver no esporte – em especial no futebol – um meio de legitimação de suas aspirações nacionais.

É justamente na representação de identidades nacionais através do futebol que este trabalho se circunscreve. No presente projeto de pesquisa, pretendo traçar uma análise comparada entre os processos de utilização política pública do futebol como ferramenta no âmbito dos governos nacionais-estatistas de Getúlio Vargas e Juan Domingo Perón. Procuo estudar de que forma teriam se utilizado do esporte na consolidação de uma identidade nacional e de um ideário oficial. Teria o governo peronista na Argentina, assim como o varguista no Brasil, demonstrado interesse em catalisar o capital simbólico envolvido no futebol e a sua relação com a manifestação da identidade nacional? Quais seriam os mecanismos utilizados por estes governos para o controle do esporte? Como vieram a associar o futebol ao regime vigente, em vista a consolidar uma imagem positiva da nação – e, por conseguinte, do governo – através das vitórias alcançadas pelo esporte?

A imprensa esportiva aparece então como um importante mediador entre os atos oficiais do governo, que buscavam captar este poder simbólico do esporte, e as massas. Os desfiles de Getúlio Vargas em carro aberto no estádio de São Januário, no Rio de Janeiro, assim como seus discursos, seriam mediados à população como um todo através dos meios de comunicação de massa. Sem o rádio e a imprensa, o alcance de medidas como esta seriam ínfimos. O mesmo se daria com as aparições presidenciais de Perón e Evita em eventos esportivos em Buenos Aires. Desta maneira, o estudo destas manifestações oficiais e de sua busca pela captação simbólica do esporte perpassa essencialmente pelos meios de comunicação de massas.

É neste sentido que a imprensa esportiva se constitui em um elemento fundamental do estudo deste trabalho. Refletindo a ideologia oficial em suas páginas, a imprensa esportiva tinha relevante alcance e despertava interesse nas camadas mais populares, que não tinham tanto contato com a imprensa escrita, concentrando sua atenção ao rádio. Através das páginas de esportes dos jornais – ou mesmo de periódicos inteiramente dedicados ao assunto –, um imaginário envolvendo esporte, Estado e patriotismo se encontra articulado. Cronistas esportivos, como Mario Filho e José Lins do Rego, no Brasil, e Borocotó, no periódico argentino *El Gráfico* (ARCHETTI, 1999), teriam executado um papel significativo na consolidação de identidades nacionais.

Desta forma, viso estabelecer uma relação entre futebol e cultura política nos governos de Getúlio Vargas e de Juan Domingo Perón, comparando manifestações públicas – eventos esportivos, festas, comemorações cívicas, discursos – e produções culturais do Estado, envolvendo o esporte e a ideologia oficial de Estado. Pretendo também analisar as diferenças na abordagem de cada governo sobre o futebol; até que ponto estavam dispostos a intervir na

estrutura política interna do esporte. Por fim pretendo analisar o discurso produzido pela imprensa esportiva brasileira e portenha, identificando o modelo de nacionalidade proposto em cada uma destas nações e como este modelo se relaciona com o futebol deste país.

No entanto, uma reflexão mais aprofundada em torno de tais relações requer uma ampla análise da sociedade em questão, principalmente no que toca às suas novas formas de produção cultural e das mediações exercidas entre o Estado e o povo. E neste processo de produção, divulgação, circulação e consumo cultural, é necessário que o pesquisador esteja sempre atento às ressignificações imprimidas aos produtos oficiais por parte de seus receptores.

Desta maneira, não se deve conceber a ideologia oficial como uma imposição aceita passivamente pelo povo, imprimida pelo Estado, com o auxílio dos meios de comunicação massiva, e recebida sem maiores questionamentos ou ressalvas. É evidente que esses produtos culturais, ao circularem em meio à sociedade, foram transformados por seus consumidores e readaptados por seus produtores, readequando-os às exigências da sociedade em questão. Em outras palavras, mesmo a cultura dita de elite, imposta “de cima para baixo”, ao se popularizar é transformada pelos diversos grupos sociais que a (re)interpretam e modificam².

Assim, fica aparente que ao se pensar sobre a formulação de uma nova identidade e de uma nova ideologia, não se trata de identidades e ideologias criadas somente pelo Estado, mas de uma relação de troca entre iniciativas estatais e demandas sociais. A cultura nacional, divulgada e incentivada pelo poder estatal, deve então ser entendida como um produto híbrido³ resultante deste processo de circularidade cultural.

Para tanto, será essencial para este trabalho entender como o futebol é assimilado na América Latina, a ponto de se tornar um fator que desperta tamanho sentimento de pertença. Tanto no Brasil quanto na Argentina, o futebol terá suas origens em meio à elite e será gradualmente assimilado e reinterpretado pelos grupos sociais mais populares. A partir desta apropriação surgirão novos estilos de se praticar o esporte. Estilos estes que deterão características próprias, representantes das características gerais pelas quais este povo se

² Utilizo aqui o conceito de “circularidade cultural”, visto por Carlo Ginzburg como “um relacionamento circular [entre a cultura das classes dominantes e a das classes subalternas] feito de influências recíprocas, que se movia de baixo para cima, bem como de cima para baixo”. (GINZBURG, 1987: 13)

³ Néstor García Canclini chama de hibridação “processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas, que existiam de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas”. (CANCLINI, 1997: XIX.)

enxerga. Assim como o samba e o tango, o futebol brasileiro e o futebol argentino será assimilados por todos os setores da sociedade e se tornarão ícones da nação⁴.

Para melhor compreender este processo de transformação do futebol de um esporte de elite a uma tradição nacional, deve-se ter em mente o trabalho de Eric Hobsbawm e Terence Ranger, “A Invenção das Tradições” (1997). Hobsbawm define o conceito de tradições inventadas como

Um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas (...), de natureza ritual ou simbólica, [que] visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado. (HOBSBAWM; RANGER, 1997: 9)

O historiador inglês aponta a invenção de tradições como um importante fator na formação de identidades nacionais na modernidade. Dentre estas tradições inventadas, o autor faz uma distinção entre as invenções “políticas” e as invenções “sociais” de tradições. As primeiras seriam fruto de movimentos sociais e políticos organizados ou mesmo de Estados – como festas cívicas, heróis nacionais, bandeiras e hinos. Já as invenções não-oficiais, ou “sociais”, seriam as geradas por grupos sociais sem uma organização formal ou sem um objetivo político específico. Como exemplo do primeiro caso pode-se citar a criação de festas cívicas como o Dia da Raça e sua utilização para a exaltação ufanista, com corais de cantos orfeônicos regidos por Villa-Lobos no estádio do Fluminense, competições esportivas para a juventude brasileira e até mesmo a participação de Getúlio Vargas nas comemorações a céu aberto. Já o segundo caso poderia ser exemplificado pela tradição do Brasil como o país do futebol, ou mesmo, no Rio de Janeiro, pela imagem do Flamengo como o clube popular, apesar de sua origem elitista, em oposição a clubes como Vasco da Gama e Bangu, que possuíam origens populares e uma história de enfrentamentos à elite.

No que se refere ao esporte, que o autor se refere como “uma das novas práticas sociais mais importantes do nosso tempo” (HOBSBAWM; RANGER, 1997: 306), Hobsbawm diz que “tanto o esporte das massas quanto o da classe média uniam a invenção de tradições sociais e políticas (...) constituindo um meio de identificação nacional e comunidade artificial” (309), e que o esporte

⁴ É interessante notar que o futebol e o samba (ou o tango, na Argentina) têm grande semelhança em seu processo de assimilação como ícones identificadores da nação. Na realidade, o samba, no Brasil, e o tango, na Argentina, fazem o percurso oposto ao futebol nestes dois países. Ambos são manifestações culturais dos grupos sociais mais populares que são absorvidos pelas elites, enquanto o futebol surge com as elites e é assimilado pelas camadas populares. Uma análise comparativa entre o tango e o samba ainda carece de um estudo acadêmico mais aprofundado, mas certos apontamentos já foram traçados por Archetti (2003).

era a demonstração concreta dos laços que uniam todos os habitantes do Estado nacional, independente de diferenças locais e regionais, como na cultura futebolística puramente inglesa ou, mais literalmente, em instituições desportivas como o Tour de France dos ciclistas (1903), seguido do Giro d'Italia. (1909). (309)

É entendido desta forma que o esporte – em especial o futebol – vai estar ligado a diversas invenções políticas de tradições, especialmente na criação de festas cívicas e no planejamento das atividades públicas de lazer durante estes festejos. Como na comemoração do Dia do Trabalho, celebrado com discurso de Getúlio Vargas em São Januário, contando com sua entrada triunfal em carro aberto com as arquibancadas lotadas ovacionando o presidente, enquanto este dá uma “volta olímpica” ao redor do gramado e sobe majestosamente para as tribunas de honra do estádio. Ou mesmo, no caso da Argentina, nos Torneios Juvenis Juan Perón, para os adolescentes argentinos, ou nos Campeonatos Infantis de Futebol Evita. Este último tinha sua partida final em estádios de grandes clubes, contando com a presença de Perón e Evita, nos quais as crianças participantes cantavam em seu hino: “A Evita lê debemos nuestro club, por eso le guardamos gratitud” (apud RODRIGUEZ, 1997: nota de fim de texto 2).

Eventos esportivos desta monta ganharam status de tradição em poucos anos – outra característica das tradições inventadas assinalada por Hobsbawm –, e contaram com a presença de milhares de cidadãos exaltando sua pátria. E isto não se deu apenas na América Latina. Hobsbawm aponta para a participação política em rituais esportivos na Europa, como a presença de membros da família real inglesa na final do torneio de Wembley, e a utilização de centros esportivos por movimentos de massa em Paris e em Berlim no entreguerras (HOBSBAWM; RANGER, 1997: 313). O Estado se unia ao esporte propagandeando uma nova visão de nação e construindo o ideal de uma nova raça, característica essencial do sentimento de pertença à nação.

Bibliografia

- AGOSTINO, Gilberto. Futebol. In: SILVA, Francisco Carlos Teixeira da et Al. *Dicionário crítico do pensamento de direita*. Rio de Janeiro: Mauad, 2000, pp. 203-205.
- _____. *Vencer ou morrer: futebol, geopolítica e identidade nacional*. Rio de Janeiro: FAPERJ / Mauad, 2002.
- ANDERSON, Benedict. *Comunidades Imaginadas: reflexões sobre a origem e expansão do nacionalismo*. Lisboa: Edições 70, 2005.
- ARCHETTI, Eduardo P. El potrero, la pista y el ring. Cuestiones metodológicas y problemas de comparación. *Revista Digital Lecturas: Educación Física y Deportes*, 2003, n. 64.

- _____. *El potrero, la pista y el ring: las pátrias del deporte argentino*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Econômica, 2001.
- _____. Estilo y virtudes masculinas en *El Gráfico*: la creación del imaginario del fútbol argentino. *Revista Digital Lecturas: Educación Física y Deportes*, 1999, n. 16.
- CANCLINI, Néstor García. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: Edusp, 2003.
- CAPELATO, Maria Helena R. *Multidões em cena: propaganda política no varguismo e no peronismo*. Campinas: Papirus, 1998.
- ELIAS, Norbert, DUNNING, Eric. *A busca da excitação*. Lisboa: Difel, 1992.
- FEREIRA, Jorge (org.). *O populismo e sua história: debate e crítica*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.
- FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de A. N. (org.). *O Brasil republicano: o tempo do nacional-estatismo – do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- GAY, Peter. *O cultivo do ódio*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela inquisição*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- HOBBSAWM, Eric J. *Nações e nacionalismo desde 1780: programa, mito e realidade*. São Paulo: Paz e Terra, 2004.
- HOBBSAWM, Eric J.; RANGER, Terence. *A invenção das tradições*. São Paulo: Paz e Terra, 1997.
- MELO, Victor Andrade de. *Do local ao global: por uma história comparada do esporte e das práticas de lazer*. Mimeo, 2006.
- RÉMOND, René (org.). *Por uma História Política*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996.
- RIBEIRO, André. *O diamante eterno: biografia de Leônidas da Silva*. Rio de Janeiro: Gryphus, 1999.
- RODRIGUES FILHO, Mário. *O negro no futebol brasileiro*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964.
- RODRIGUEZ, Maria Graciela. El deporte como política de Estado (período 1945-1955). *Revista digital Lecturas: educación física y deportes*, n. 4, 1997.
- SILVA, Francisco Carlos Teixeira da; SANTOS, Ricardo Pinto dos. *Memória social dos esportes: futebol e política: a construção de uma identidade nacional*. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.
- VARGAS, Getúlio. *Diário*. 2V. São Paulo: Siciliano; Rio de Janeiro: FGV, 1995.